

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: DO CENÁRIO ESCOLAR AO CAMPO DE VIVÊNCIA

Josefa Adriana Cavalcante Ferro

Universidade Estadual de Alagoas, josefaadriana40@gmail.com

RESUMO

A crescente degradação do planeta com a acirrada exploração dos recursos naturais vem a algumas décadas comprometendo a qualidade de vida, razão que expressa à necessidade de envolvimento de diferentes segmentos da sociedade, em busca de alternativas que viabilizem mudanças no cenário atual. Neste contexto a Educação Ambiental possibilita caminhos capazes de levar novos valores e atitudes, novos olhares para as questões ambientais e as relações entre homem e natureza. Nesta direção de pensamento o presente artigo possui enfoque qualitativo e teve por objetivo identificar a prática da Educação Ambiental no cotidiano escolar no Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano, na Escola Municipal Sidraque Nonato de Almeida, sediada na zona rural do município de Palmeira dos Índios/AL. O procedimento metodológico ancorou-se na literatura, nas observações, fotografias, caderneta de campo, dias de vivência e sistematização dos dados. Buscou-se identificar a aplicabilidade da Educação Ambiental, como preconizado nos PCNs, à luz da transversalidade. No decorrer da pesquisa percebeu-se que há um distanciamento entre a efetivação da teoria e da prática da Educação Ambiental no cotidiano, do diálogo entre os conteúdos e os temas ambientais, que ainda mantém-se uma prática ancorada em projetos pontuais, em que a temática é evidenciada. A prática deste formato perpassa pela fragilidade existente na formação dos professores, as quais não priorizam a Educação Ambiental na relevância que a mesma possui. A pesquisa contribuiu de forma significativa, oportunizando aos envolvidos novos olhares e possibilidades para uma prática pedagógica mais entrelaçada com os fundamentos da Educação Ambiental.

Palavras-chave: Educação ambiental, Campo de vivência, Transversalidade.

INTRODUÇÃO

Em virtude da relevância ambiental, na sustentação da vida, o mundo passou a discutir sobre os impactos em que o meio ambiente vem enfrentado com as ações antrópicas, atuações modificadoras que sempre aconteceram, porém em menor escala, podendo assim remeter-se a evolução destes impactos após a Revolução Industrial, às ideias pretéritas da infinitividade dos recursos naturais trouxeram a sociedade prejuízos irreversíveis.

Neste cenário surgem inquietações que trilham para as discussões sobre as problemáticas ambientais já existentes, provenientes das relações homem-natureza, perfazendo maior destaque a partir dos anos de 1970, em que têm a educação como caminho a ser seguido, por ser a escola o lugar que detém conhecimentos para a formação do indivíduo. Assim sendo, as questões ambientais ganham visibilidade no Brasil, com a criação da Política Nacional de Meio Ambiente, em 1981, logo em seguida a Constituição Federal, 1988, dedica o Artigo 225, que diz:

Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

O artigo supracitado mostra a relevância das ações coletivas de cuidar do ambiente, para a preservação e conservação dos recursos naturais. Vislumbrando a mitigação dos impactos ambientais, tem-se como caminho-base da trilha para a conscientização humana, a educação escolar, neste sentido vem corroborar com o texto, Chalita (2002, p.34) quando afirma: a educação é considerada a mais poderosa ferramenta de intervenção no mundo para a elaboração de novos conceitos e conseqüentemente uma mudança de hábitos.

Diante da importância da educação posta pelo autor, vale incluir neste texto de forma contributiva o eminente educador Paulo Freire (1993), em sua visão de que o ser humano não apenas “está” no mundo, mas “com” o mundo. Assim, evidencia-se uma pluralidade nas relações do homem com o mundo, das relações existentes entre as ações antrópicas e o meio ambiente.

Vale salientar que este viés educacional, segundo alguns autores como Carvalho (2006), Dias(1992), Loureiro (2006), dentre outros, direcionam o surgimento da Educação Ambiental a partir dos movimentos ambientais, que conjecturaram as resoluções do cenário da degradação ambiental.

Assim posto, a Educação Ambiental possui um campo de disputa voltada para diferentes correntes de pensamentos, interesses e posicionamentos políticos. No Brasil, em decorrência do cenário mundial, as discussões ambientais ganharam maior visibilidade e materialidade a partir da década de 1990, no viés do ensino vale destacar a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), prevê que na formação básica do cidadão seja assegurada a compreensão do ambiente natural e social, a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA), através da Lei nº 9795/99, que também versa sobre uma perspectiva transversal e inova ao inserir a temática ambiental em todos os níveis de ensino.

De acordo com a efetivação da base legal para a implantação da Educação Ambiental no ensino formal no Brasil, se faz necessário à aplicabilidade na escola, a princípio como disciplina curricular e posteriormente como tema transversal, porém, em virtude de algumas lacunas ainda não se concretiza a transversalidade. Segundo Martinez (2006, p.12) desencadeou a necessidade de preparação profissional dos professores para a abordagem das problemáticas ambientais, as quais ocorrem de forma lenta, que segundo Mazzeu (1998, p.05)

vem corroborar com o exposto, dizendo que “o professor que está imerso na sua prática não percebe a necessidade de romper com essa relação imediata entre pensamento e ação”.

A partir do que foi exposto pelo autor, veio à inquietação de entender como de fato, estava acontecendo a Educação Ambiental na escola, assim surge esta pesquisa, que teve com objetivo identificar a prática da Educação Ambiental no cotidiano escolar no Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano, da Escola Municipal Sidraque Nonato de Almeida. A escolha do local deu-se pela característica relevante de sua localização, está numa área em que possui em seu entorno dois resquícios de vegetação nativa, que resistem as ações humanas. A pesquisa foi desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa em Geografia e Meio Ambiente, da Universidade Estadual de Alagoas – Campus III, Palmeira dos Índios.

Com o intuito de contextualizar o objeto da pesquisa, a mesma está inserida na zona rural do município de Palmeira dos Índios/AL, distante 18 km da sede, atende um público proveniente de oito comunidades rurais, da Educação Infantil ao Ensino Fundamental II. O espaço físico se enquadra dentro da mais adequada estrutura, sendo um ambiente harmônico e agradável, próprio do que deveriam ser todos os ambientes de aprendizagem e com um corpo docente que atende as necessidades da Educação do Campo.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho foi necessário o aporte teórico, o qual possibilitou o embasamento literário para as discussões, dias de vivência na escola e no campo, com observações da prática da Educação Ambiental, dialogo informal com os discentes, trabalho de campo, roda de conversa, registros fotográficos, caderneta de campo, análise e sistematização dos dados.

A pesquisa teve duração de 12 meses, com estudos em grupo, com as atividades internas a partir do levantamento bibliográfico e discussões sobre a temática, em seguida foi realizado a visita ao local, conhecendo a escola-campo da pesquisa, na qual se obteve todo apoio para a realização do mesmo, firmando parceria entre professores do 1º ao 5º ano (5 profissionais) e pesquisadores (3 alunos do curso de Geografia).

As atividades propostas passaram a seguir um cronograma de observação, definido em reunião, o qual fez parte da proposta do projeto de pesquisa. As observações em sala de aula aconteceram de forma sistematizada, do 1º ao 5º ano, em dias alternados, onde foi possível perceber a existência ou não do dialogo entre as disciplinas e a Educação Ambiental.

Após o primeiro momento de observação, realizaram-se, com o 5º ano, aulas práticas de Educação Ambiental, em duas áreas: uma realizada a partir do planejamento e mediação do professor, que aconteceu na Mata da Catarina (Floresta Subcaducifólica) e o segundo momento de vivência organizado pelos pesquisadores, na Mata do Sítio São Geraldo (Mata de Caatinga Arbórea Úmida), com espécies de Mata Atlântica, bem preservada, que em seguida será discutido.

A metodologia proposta pretendeu de forma simples, clara e objetiva atender o objetivo proposto na pesquisa, resultados que serão mencionados neste artigo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer da pesquisa intitulada “Educação Ambiental: do cenário escolar ao campo de vivência”, as etapas realizadas foram de imensurável relevância para os envolvidos. Iniciando os trabalhos pelos estudos em grupo e no grupo de pesquisa, os quais foram imprescindíveis para o diálogo entre pesquisadores e professores.

Cada etapa proposta foi realizada com entusiasmo e participação dos envolvidos, o próximo passo foi à realização de uma reunião (Fotografia 01) na escola Sidraque Nonato de Almeida com os professores, os quais apontaram interesses e limitações, sobre o que versava a pesquisa, porém, o anseio de novos conhecimentos foram superiores aos obstáculos. Sendo de uma grandeza ímpar as trocas de experiências entre os pesquisadores e os docentes.

Dentre as inquietações dos professores ao receberem a proposta foi a fase em eles precisavam realizar uma aula de campo, momento de vivência onde seria observada a prática da Educação Ambiental teorizada em sala de aula. Em uma das falas dos professores foi externado: “mesmo trabalhando aqui há algum tempo não conheço a Mata da Catarina”, diante desta revelação, foi proposto pelos pesquisadores uma visita guiada, com os professores envolvidos (Fotografia 02), a qual trouxe novos olhares e perspectivas para alguns docentes que ainda não conheciam o local.

Fotografia 01: Reunião com os professores.



Fonte: Barros, 2017.

Fotografia 2: Visita a Mata da Catarina



Fonte: Ferro, 2017.

Percebeu-se que mesmo estando trabalhando numa escola inserida na área rural, dentro das propostas da Educação do Campo, nem todos conheciam o entorno. A necessidade foi sanada com uma visita a Mata da Catarina, com os professores do 1º ao 5º ano e durante o momento de vivência foi proporcionado pelos pesquisadores aos mesmos, a observação e a percepção ambiental, de forma a contribuir com o enriquecimento de suas aulas. Após este momento, os professores viram na pesquisa perspectivas de novos conhecimentos e oportunidades de melhor entender e vivenciar a Educação Ambiental.

Outro momento pautado no cronograma era o de observação em sala de aula, onde foi percebido o desempenho de cada professor, suas habilidades e competências bem como as dificuldades em inserir no dia a dia a Educação Ambiental. No entanto, era notório que indiretamente alguns professores trabalhavam a Educação Ambiental, porém, não se percebiam realizando tal ação. Assim, volto a citar Martinez (2006) quando evidencia a necessidade de preparação profissional dos professores para a abordagem das problemáticas ambientais, que vão além das discussões tradicionais. É relevante mencionar a prática de alguns professores que dialogam numa sincronia ímpar, entre os diversos conteúdos ministrados e a essência da Educação Ambiental.

Nestas observações estão também os discentes, inseridos neste contexto da pesquisa e percebeu-se a ausência da Educação Ambiental não formal, que deveria existir sendo proveniente do núcleo familiar, esta fragilidade deixa uma imensa lacuna para o trabalho da educação formal, que precisa fluir. Desta forma, o diálogo torna-se complexo, na rotina diária, porém é salutar citar as exceções, alguns alunos apresentavam percepções incríveis sobre o meio ambiente, trazendo relatos de vivência com seus familiares.

Seguindo a metodologia, como já foi posto, os professores iriam preparar uma aula de vivência para seus alunos do 1º ao 5º ano, que iria acontecer em dias alternados. Para a

realização da visita à Mata da Catarina, os alunos saíram da sala de aula com os conhecimentos adquiridos, com as orientações cabíveis para o momento e foram para o campo de vivência, onde foi observada a inter-relação entre a teoria e a prática. Nestes momentos, verificou-se que os discentes possuíam um potencial além do observado em sala de aula, que algumas vezes fluíam tímidos ou não deixavam externar, que possuíam um potencial relevante mediante o conhecimento empírico e formal, proveniente da vivência com seus familiares e a escola, que foi colocado em prática, quando chegaram à mata (Fotografia 03 e 04).

Fotografia 03: Chegada a Mata da Catarina.

Fotografia 04: Dialogo da teoria com a prática



Fonte: Ferro, 2017.



Fonte: Ferro, 2017.

Seguindo o planejamento, os alunos foram conduzidos para o segundo momento de vivência, aula de campo na Mata do Sítio São Geraldo, área preservada, com espécies da Mata Atlântica e Caatinga, espaço de estudo e prática da Educação Ambiental realizada por alunos do curso de Geografia da Universidade Estadual de Alagoas.

A receptividade dos alunos aconteceu na Eco sala (Fotografia 05), antes de adentrar a mata, foram passadas as informações necessárias para a realização da aula, como os acordos didáticos, cuidados essenciais para com os habitantes da mata, o silêncio, a observação e levar apenas lembranças e conhecimentos. Após esta conversa os discentes realizaram uma ação concreta: o plantio de árvore frutífera (Fotografia 06), na propriedade, que é de cunho particular, mas aberta para a pesquisa, foi um momento de muita interação e de um feedback, refletido na fisionomia de cada criança.

Fotografia 05: Eco sala.



Fonte: Ferro, 2018.

Fotografia 06: Plantio.



Fonte: Ferro, 2018.

Em seguida teve início a trilha pedagógica, conduzida pelos pesquisadores, com parâmetros ambientais e didáticos, envolvendo os discentes na prática da percepção ambiental (Fotografia 07), explorando os sentidos, a partir da observação do local, as espécies existentes próximas da trilha, as árvores e suas funções, histórias e uso medicinal, o solo, a importância da folhagem para a fertilidade, os pássaros e a identificação de algumas pelos próprios alunos, através do canto, os diferentes cheiros sentidos durante a trilha, como também foram feitas algumas reflexões (Fotografia 08) em pontos estratégicos, onde ainda está registrada no solo a presença da caça predatória, a citar as escavações em busca de animais com os tatu, peba e teiú.

Fotografia 07: O abraço na árvore.



Fonte:Ferro,2018.

Fotografia 08: Momento de reflexão.



Fonte: Ferro, 2018

Desta forma, foram se concretizando as observações ao longo de cada aula de campo e nas participações no cotidiano em sala de aula dos docentes e discentes do 1º ao 5º ano, com foco no objetivo proposto. Ao término da trilha os alunos foram questionados sobre o momento vivenciado e a emoção não foi contida, ao ouvir os alunos diferenciarem as matas, apontando os impactos ambientais observados nos momentos de vivência (Quadro 01).

Quadro 01: Impactos ambientais apontados pelos alunos

Mata da Catarina	Mata do Sítio São Geraldo
Corte de muitas árvores	Preservada
Estrada dentro da mata feita por trator	Trilha – permitindo apenas a fila indiana
Pisoteio de animais	Solo coberto por folhas e galhos mortos
Fezes de gado bovino	Folhas em decomposição
Muito quente – árvores cortadas	Muito agradável – a copa das árvores protege o ambiente.

*quadro montado pela autora, a partir das falas.

Neste contexto, é visível o potencial das crianças a partir da percepção do que lhe é apresentado e a capacidade de formularem suas próprias conclusões e conceitos, construindo assim seus conhecimentos e a importância do equilíbrio ambiental, a partir da educação formal, pôde-se perceber os imensuráveis ganhos em aprendizagem.

Ao retornarem à escola foi salutar perceber o resultado obtido com os momentos de vivência, absorvido pelos professores e alunos, como era expressiva a satisfação de terem participado de forma ativa das experiências proporcionadas pela pesquisa, resultando em uma culminância onde os envolvidos apresentaram os conhecimentos sobre as questões ambientais através de músicas, paródias, poesias e o plantio de mudas em frente à escola (Fotografias 09 e 10). Do campo para a sala de aula conseguiram expressar o que visualizaram e sentiram nos espaços visitados.

Fotografia 09: Apresentação da poesia



Fonte: Lira, 2018.

Fotografia 10: Plantio em frente à escola



Fonte: Lira, 2018.

Por fim, estão expostos os resultados e discussões sobre a pesquisa proposta e o cenário vivenciado pelos pesquisadores, professores e discentes, apontando satisfação e ganhos relevantes para todos os envolvidos, que sintetizo no olhar desta criança da fotografia

10, que reflete a esperança que precisamos ter para uma prática ambiental consistente e consolidada no dia a dia escolar ancorada na transversalidade.

CONCLUSÕES

O percurso seguido e os resultados alcançados permitiram atingir o objetivo da pesquisa, foi identificado a partir das observações que a teoria e a prática da Educação Ambiental realizada no *lócus* escolhido, permeiam duas situações no que diz respeito à Educação Ambiental: a primeira apresenta professores que trabalham a Educação Ambiental de forma pontual, nos projetos ou alguns eventos em que a temática está posta, bem como há dificuldade em inserir a Educação Ambiental no dia a dia de sua sala de aula e às vezes realizando algumas conexões sem que se percebam fazendo.

A segunda situação observada é que há professores que apresentaram em seu planejamento diário forte dinamicidade, dialogando com os conteúdos numa conexão com a realidade dos alunos, simulando situações-problemas e de forma transversal aplicando os princípios da Educação Ambiental, existindo uma sintonia entre conteúdos/Educação Ambiental/formação do cidadão. Intercalado nesta tela menciona-se a importância da preservação da natureza e o quanto ela influencia na vida de cada cidadão.

No contexto profissional, percebeu-se a fragilidade existente na formação dos professores, sendo necessário privilegiar também as formações direcionadas para o trabalho com a Educação Ambiental em sala de aula de forma transversal, como posto nos PCNs. Os professores são receptivos ao novo, tanto que a pesquisa contribuiu para novos olhares sobre as questões ambientais no cotidiano escolar.

Por fim, fez-se refletir sobre a importância das pesquisas e a aproximação entre a universidade e a comunidade escolar, contribuindo de forma positiva para reflexões sobre a prática pedagógica, para a busca de novos conhecimentos e contribuindo para a Educação Ambiental formal mais efetiva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a dedicação dos alunos: Rodrigo Lira, Lindemberg Araújo e Lucas Silva, membros do Grupo de Pesquisa em Geografia e Meio Ambiente, da Universidade Estadual de Alagoas, Campus III, que compreenderam a relevância da pesquisa e contribuíram de forma relevante para a realização da mesma.

A pesquisa não teria sido realizada se os professores do 1º ao 5º ano, da Escola Sidraque Nonato de Almeida, não tivessem aceitado a proposta e ao mesmo tempo permitissem as observações em suas aulas, eles foram peças fundamentais para a concretização da pesquisa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais - terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais.** Temas Transversais. Brasília: MEC/SEF, 2001. p. 179-182.

BRASIL. Lei n. 9.795, de 27 de Abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a política nacional de educação ambiental e da outras providencias. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil.** Brasília (DF); 28 abr. 1999. Seção 1, p.1

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.

CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CHALITA, G. **Educação: a solução está no afeto.** São Paulo: Gente, 2002.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: princípios e práticas.** São Paulo: Gaia, 1992.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental. Princípios e Práticas Capa Comum.** Editora: Global: 9ª ed., 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 18ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

LOUREIRO, C.F. **Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate.** São Paulo: Cortez Editora, 2006, p. 53-66.

MARTINEZ, Paulo Henrique. **História Ambiental no Brasil: pesquisa e ensino.** São Paulo: Cortez, 2006.

MAZZEU, Francisco José de Carvalho. **Uma proposta metodológica para formação continuada de professores na perspectiva histórico-social.** Cad. CEDES. [online]. 1998, vol.19, n.44, pp.59-72. ISSN 0101-3262. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32621998000100006>. Acesso em: agosto de 2019.